

**ESCRITA DO DESVÁRIO: LITERATURA E LOUCURA COMO
FORMA DE RESISTÊNCIA AO DISCURSO NORMATIVO*****THE WRITING OF MADNESS: LITERATURE AND INSANITY AS A
FORM OF RESISTANCE TO NORMATIVE DISCOURSE***Júlio Flávio Vanderlan Ferreira¹(UFS)**Resumo:**

O artigo analisa a relação entre literatura e loucura, entendendo o texto literário como espaço de resistência ao discurso normativo e racionalista. Dialoga com Foucault, que concebe a loucura como construção histórica e social, e com Blanchot, para quem a linguagem literária instaura um território autônomo de significação. Barthes contribui com a noção de leitura como frutificação e subversão das estruturas da linguagem, enquanto Deleuze e Guattari pensam a desrazão como força produtiva. Metodologicamente, o estudo adota uma leitura hermenêutico-fenomenológica e a estética da recepção, concebendo o leitor como coprodutor de sentidos.

Palavras-chave: Literatura; Loucura; Resistência; Estética da recepção; Discurso normativo.

Abstract

This article analyzes the relationship between literature and madness, understanding the literary text as a space of resistance to normative and rationalist discourse. It engages with Foucault, who conceives of madness as a historical and social construct, and with Blanchot, for whom literary language establishes an autonomous territory of signification. Barthes contributes with the notion of reading as the fruition and subversion of linguistic structures, while Deleuze and Guattari conceive of irrationality as a productive force. Methodologically, the study adopts a hermeneutic-phenomenological reading and the aesthetics of reception, conceiving of the reader as a co-producer of meanings.

Keywords: Literature; Madness; Resistance; Reception aesthetics; Normative discourse.

INTRODUÇÃO

¹Doutorando e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), com ênfase em Literatura Comparada, Teoria da Literatura e Estudos da Recepção. Graduado em Letras Vernáculas e Pedagogia, com formação em Filosofia, Sociologia, Artes e Literatura Brasileira e Portuguesa. Professor da educação básica e do ensino superior, atua nas áreas de Língua Portuguesa, Literatura, Educação e Filosofia, desenvolvendo pesquisas em Estudos Literários e Teorias da Recepção.

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

A literatura, ao longo da história, revelou-se como um território privilegiado de insurgência simbólica e de questionamento das delimitações impostas pela racionalidade moderna. Dentro dessa perspectiva, o tema da loucura surge como uma das linguagens mais potentes de resistência e subversão do discurso hegemônico. Desde a Antiguidade, a figura do louco foi associada ao profeta, ao visionário ou ao insensato, representando não apenas o desvio, mas também a possibilidade de nomear o indizível, aquilo que a razão expulsa de seu domínio. A literatura, por sua natureza escondida entre o real e o imaginário, acolhe esse tipo de discurso marginal, estruturando-se como espaço de liberdade discursiva e de desobediência simbólica.

A modernidade, entretanto, transformou a loucura em objeto de confinamento institucional e discursivo, apagando sua dimensão poética e epistemológica. Como descreve Foucault (2014, p. 42), o silenciamento da desrazão coincide com o advento da racionalidade burguesa e com as declarações do poder disciplinar, operando a exclusão social e moral dos sujeitos desviantes. Essa perspectiva permite compreender que escrever a loucura não é apenas representá-la, mas desestabilizar o sistema simbólico que a segregação.

A idade clássica não abriu, entre a loucura e a razão, um espaço de diálogo: instaurou, antes, o grande internamento, que fez da desrazão um silêncio apenas atravessado por murmúrios — ruídos que o discurso da razão deixou domesticar, mas que a literatura, mais tarde, reaprenderia a ouvir. (FOUCAULT, 2014, p. 45).

Ao comentar esse fragmento, é possível perceber que a análise foucaultiana desloca o foco da loucura como características clínicas para a compreensão de seu estatuto como construção cultural e política. Tal deslocamento cria uma base conceitual para o gesto literário que transforma a margem em linguagem e a diferença em método de invenção. Assim, o texto literário torna-se um campo de resistência precisamente porque reintroduz no discurso o ruído que a norma quis silenciar. A partir dessa aproximação entre a experiência da escrita e o discurso da desrazão, o presente estudo propõe compreender o papel da linguagem literária como meio de resistência estética diante do poder normativo e disciplinar. Ao tratar a loucura como campo semântico de liberdade e criação, pretendo-se demonstrar que a literatura realiza, pela linguagem, o

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

mesmo gesto ético que Foucault identifica na genealogia da desrazão: a reabertura do espaço do diálogo com o inominável.

A leitura da loucura como categoria estética exige compensar a literatura como prática liminar, capaz de tensionar as fronteiras entre razão e desvario. Nesse sentido, Maurice Blanchot (2011, p. 189) oferece uma concepção essencial ao situar o espaço literário como local de suspensão das certezas, onde o sujeito se perde para que a linguagem se revele. Para o autor, o ato de escrever se assemelha a uma queda contínua no indeterminado, um gesto de abandono do sentido estabilizado em favor da errância da palavra.

A literatura, ao dizer o que não pode ser aqui, faz emergir na linguagem ou fora da linguagem. Nesse movimento, o escritor se aproxima do limite da loucura, pois é apenas quando renuncia à posse do sentido que ele toca a verdadeira realidade do dizer. (BLANCHOT, 2011, p. 190).

A citação de Blanchot explicita a homologia entre criação e perda: o escritor é aquele que, ao se aproximar da desrazão, desarticula o espaço da racionalidade que o cerca. Essa proposta reforça o caráter subversivo da literatura, que se opõe às formas discursivas dominantes justamente por recusar a transparência do signo. A linguagem, em vez de instrumento de controle, converte-se em campo de abertura e multiplicação. Roland Barthes (2004, p. 23) amplia essa perspectiva ao propor que o texto literário é o lugar da frutificação e da dispersão dos sentidos. O prazer do texto decorre da destruição das posições semânticas, e o leitor, diante da obra, participa do jogo da liberdade, experimentando a linguagem em seu estado de resistência. Essa leitura se articula com a estética da recepção, de Hans Robert Jauss (1994, p. 47), ao situar o leitor como sujeito histórico e crítico, cujas expectativas são constantemente deslocadas pela experiência da leitura.

O conceito de resistência estética, portanto, emerge da conjunção entre esses fundamentos teóricos. Em Foucault, está o gesto de desnaturalizar a loucura; em Blanchot e Barthes, o de transformar a linguagem em potência de desordem; e em Jauss e Eco (1994, p. 64), o de afirmar o leitor como coautor da subversão. Essa tríplice articulação — filosofia, poética e recepção — constitui o método hermenêutico-

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

fenomenológico adotado neste estudo, que busca compreender a literatura como lugar privilegiado de elaboração do desvario e da insurgência simbólica.

ANÁLISE LITERÁRIA

A partir da fundamentação teórica que concebe a loucura como potência de resistência simbólica e a linguagem como espaço de desordem produtiva, este tópico se dedica à análise de obras literárias em que a loucura não é estigmatizada como patologia, mas incorporada como método de criação e contestação social. Para tanto, examine-se *O Alienista*, de Machado de Assis, e as narrativas selecionadas do autor brasileiro Antônio Carlos Viana, cujos contos tematizam a experiência do desvario e a marginalidade como formas de resistência estética. Em *O Alienista* (1882), a loucura é apresentada sob o olhar irônico e ambíguo do médico Simão Bacamarte, cuja busca obsessiva em definir a normalidade termina por revelar o caráter arbitrário e opressivo dos critérios sociais e científicos. A narrativa desmonta a ilusão da razão absoluta ao mostrar que o limite entre sanidade e loucura é indeterminado e sujeito a manipulações de poder.

A loucura, como o sadio, era uma questão de grau e de contexto, pois aquilo que o médico julgava doença por vezes correspondia a uma resistência necessária contra o conformismo social. O espaço do hospício convertia-se, assim, no palco onde a razão se revelava frágil e passível de arbitrariedades. (ASSIS, 1882, p. 78).

Esse extrato demonstra que a representação da loucura pelo narrador não se reduz à doença, mas problematiza a própria função do saber disciplinador. A análise foucaultiana do internamento da loucura (Foucault, 2014, p. 37) encontra ressonância no texto machadiano na medida em que expõe a construção social da delimitação entre o aceitável e o excluído. A narrativa indica que a loucura opera como uma força disruptiva que põe em crise o aparelho normativo e intervém criticamente na ordem estabelecida.

No corpus de Antônio Carlos Viana, contista contemporâneo sergipano, a loucura aparece frequentemente como experiência radical do sujeito frente a um mundo marcado pela opressão, violência e fissuras existenciais. Nos contos selecionados, os personagens que transitam pelos limites da sanidade configuram-se não como simples

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

patologias, mas como agentes poéticos que desconstroem a realidade através do desvario.

As loucuras desses personagens não é a ausência da razão, mas a linguagem que rompe com a regra e desafia os sentidos convencionais, revelando uma verdade a mais que escapa ao olhar dominado pela sociedade. (VIANA, 2009, p. 54).

Aqui se percebe a afirmação da desrazão como potência criadora mencionada por Deleuze e Guattari (2020, p. 69), onde o delírio funciona como metodologia de descolonização do pensamento. A escrita de Viana atravessa a loucura como experiência estética que simultaneamente denuncia a exclusão e potencializa a voz do marginalizado por meio do entrelaçamento entre linguagem e desvario. Em ambos os autores, a loucura é uma lente pela qual se lê a sociedade em suas profundas profundidades. Ela não é apenas tema, mas técnica narrativa que retira a literatura do espaço da mera mimese e a situação no plano da criação crítica. A literatura, assim, transforma o discurso da loucura em arma simbólica para questionar e ressignificar as normas que regem o convívio social. No conto *Santana Quemo-quemo*, de escritor sergipano, temos a narrativa que mostra a situação degradante de uma família pobre que é despejada por morar em uma área de preservação ambiental. No momento do despejo, a mãe do menino-narrador mostra a falta de lucidez, talvez, como forma de fuga de cruel realidade: ter sua casa derrubada pelos tratores da prefeitura.

O trator veio, bem em cima do nosso barraco. Ah, meu Deus, a panela da galinha que deu tanto trabalho a meu irmão pegar ia virar com tudo; adeus, pirão, adeus, cheiro bom, coisa tão rara um cheiro assim no meio daquela merda toda. De repente, o trator parou. Até pensei que o motorista faria como aquele da televisão, que não teve coragem de derrubar a casa que tinha mandado. Depois foi que vimos que ele parou, assim como os homens de manga comprido e gravata, pra apreciar minha mãe dançando, no começo devagarinho, depois crescendo, crescendo, como se estivesse com a Pombagira. Ela começou cantando baixinho: “Você conhece Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo?”. E repetia a mesma lenga-lenga, a voz subindo, até atingir um tom que não era dela. Não sei onde ela foi achar. (VIANA, p.23, 2009)

É nesse movimento de desestabilização e resistência do real que se encontra o verdadeiro gesto de resistência artística. A linguagem literária, ao receber a loucura em seu interior, amplia o horizonte da experiência humana e desafia o leitor a considerar o mundo a partir de ângulos deslocados, insubordinados ao discurso hegemônico.

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

Portanto, a análise das obras pode revelar que a loucura, ao se tornar método e tema literário, ópera como espaço de insurgência estética, no qual o discurso normativo é simultaneamente representado e subvertido. Essa complexidade faz da literatura não apenas testemunha social, mas agente transformador, abrindo espaço para novas formas de percepção e compreensão do sujeito e da realidade.

LOUCURA E RESISTÊNCIA SOCIAL NA LITERATURA BRASILEIRA

A literatura brasileira tem desempenhado um papel fundamental na representação da loucura, especialmente enquanto mecanismo de resistência contra as normas sociais. A marginalização do sujeito considerado louco, suscitada pelas estruturas de poder no país, adquire contornos específicos no contexto das tensões raciais, de classe e gênero presentes na sociedade brasileira. Nesta seção, aprofundaremos como a loucura é tematizada na literatura nacional como forma de denúncia das violências institucionais e simbólicas, ao mesmo tempo em que assumem papel de resistência estética e política.

A partir das últimas décadas, com o avanço das políticas públicas voltadas para a saúde mental e a crescente visibilidade das discussões sobre os manicômios, a literatura passou a expandir a abordagem da loucura para além da patologização tradicional. Conforme destacado pelo dossiê temático da revista *Opiniões* (2025), a loucura ultrapassa os limites da doença para revelar estruturas sociais opressoras e mecanismos de silenciamento de vozes dissonantes. A literatura se constitui, nesse sentido, como espaço de recuperação da dignidade e subjetividade dos indivíduos marginalizados, desafiando estigmas profundos e propondo múltiplas visões do que se entende por sanidade e insanidade. Obras que transitam entre o real e o fantástico, como os contos de Antônio Carlos Viana, revelam a loucura como uma experiência existencial além do diagnóstico psiquiátrico, onde o delírio e a lucidez coexistem na oscilação entre resistência e opressão (FERREIRA, 2025, p. 12). Essa ambiguidade é reforçada por narrativas que reconstroem a voz do sujeito excluído, expondo as condições de violência simbólica e materiais que atravessam o cotidiano desses personagens. Assim,

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

a loucura permite uma narrativa desarticulada do domínio racional, abrindo uma via para o silenciado e deslocado.

Essa perspectiva encontra eco em autores como Lima Barreto, cujos escritos expõem a intersecção entre racismo, exclusão social e patologização do sujeito negro e pobre. No *Diário do Hospício*, Barreto denuncia as práticas violentas de segregação social sob a máscara da ciência médica, enquanto momentos de lucidez apresentam nos chamados “loucos”, evocando uma ressignificação profunda da loucura como experiência humana completa (BARRETO, 2010, p. 73). Nesse sentido, percebemos que essas obras pertencem a uma “literatura de urgência”, criada para responder às situações sociais críticas e para desafiar os discursos dominantes que desumanizam o outro.

A crítica às instituições maniciais é um tema recorrente, representado como símbolo da exclusão deliberada, do confinamento político e do apagamento da voz do sujeito. As escrituras pós-ditadura brasileira, em especial, resgatam a fragmentação da experiência individual e coletiva, apresentando a loucura tanto como trauma social quanto como gesto subversivo (PONTE GRANDE, 2025, p. 15). Nesse contexto, a fragmentação narrativa torna-se estratégia literária para expressar a irrepresentabilidade da realidade vívida sob a repressão, ampliando o papel da literatura como espaço de resistência estética e social.

Além disso, a loucura na literatura brasileira não é apenas tema de exclusão e opressão, mas também instrumento de criação de múltiplos sentidos. A linguagem volta-se contra as formas cristalizadas do discurso racional, possibilitando a emergência do que Deleuze e Guattari (2020, p. 75) denominam “fluxos de fuga”: processos de resistência por meio dos quais se abrem brechas no sistema simbólico, liberando a potência criadora do pensamento louco. Nesse sentido, a literatura atua como mecanismo de descolonização epistemológica, desafiando a visão hegemônica e legitimando outras formas de saber e existência.

Esse aspecto tem sido objeto crescente de estudos críticos que ressaltam a complexidade das figuras literárias consideradas “loucas” como envolvidas entre a denúncia política e a invenção poética. A leitura desses textos instaura uma experiência de resistência compartilhada entre autor, personagem e leitor, que se coloca diante de

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

narrativas que desconstroem o juízo de normalidade e convidam a compensar as situações sociais e cognitivas.

Portanto, a loucura representada na literatura brasileira emerge como metáfora e prática de resistência, no diálogo com os movimentos sociais que buscam a inclusão, a valorização da diferença e o reconhecimento dos sujeitos historicamente marginalizados. Essa ligação reforça o poder da literatura como espaço ético e estético, onde se confirma seu poder de desafiar e reconfigurar as parâmetros do discurso social dominante.

A LOUCURA, O TEXTO LITERÁRIO E A CONSTRUÇÃO DO LEITOR RESISTENTE

A produção literária que tematiza a loucura não só desafia concepções clínicas e sociais, mas também reorganiza a relação entre texto e leitor, configurando uma experiência de leitura periódica pela resistência cognitiva e pela transmissão dos sentidos hegemônicos. Nesse processo, o texto literário que incorpora a loucura se constitui como espaço de interlocução dinâmica ligado à desconstrução das normas interpretativas dominantes, convocando o leitor a uma postura ativa de deslizamento dos sentidos e questionamento das verdades absolutas.

Uma das contribuições teóricas mais relevantes para compreender essa dinâmica é a proposta de Hans Robert Jauss sobre a estética da recepção. Segundo ele, o leitor ideal não é passivo, mas um sujeito que modifica seu “horizonte de expectativas” conforme a experiência dos textos desafia seus preconceitos, possibilitando a emergência de leituras inovadoras e críticas. Uma literatura que trabalha a loucura, nesse contexto, oferece ao leitor uma alteridade radical que o obriga a desestabilizar seus próprios julgamentos normativos.

O horizonte de expectativas do leitor, formado por sua experiência cultural e social, é violado quando o texto apresenta elementos que não se enquadram nas categorias normativas previamente condicionais. Na medida em que o leitor é obrigado a confrontar esses elementos desconcertantes, ele é impelido a reinterpretar e a reinventar sentidos, inaugurando uma experiência estética que é também um ato de resistência cognitiva. (JAUSS, 1994, p. 47).

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

Este trecho evidencia que o texto literário sobre a loucura funciona como mediador que não apenas transmite conteúdos, mas transforma o leitor em coautor de um processo crítico. Essa coparticipação ativa é crucial para que a resistência não se esgote no campo simbólico, mas reverbere nas formas de percepção e compreensão do mundo social. Assim, o leitor se torna sujeito a regular os limites do discurso dominante e se abre a uma pluralidade interpretativa que desconstrói dicotomias simplistas entre sanidade e loucura.

Um alinhamento importante para este argumento é oferecido por Umberto Eco, que enfatiza a figura do "lector in fabula" — um leitor em constante diálogo interpretativo com o texto, capaz de preencher lacunas, decodificar múltiplas camadas e introduzir multiplicidades de sentidos. Para Eco, o texto literário é um sistema aberto onde a resistência se manifesta no movimento entre a voz do autor e as vozes ativadas pelo leitor, gerando uma experiência de leitura disruptiva e emancipada.

O leitor não é um receptor passivo do texto, mas sim uma presença efetiva na sua construção. Ele deve ultrapassar o papel de mero consumidor para assumir o de co-criador, especialmente em textos que subvertem o sentido linear e estão impregnados de significados fragmentários e contraditórios, como os que abordam a loucura. (ECO, 1994, p. 64).

Essa abordagem dialógica com a noção de que o texto da loucura, por sua natureza fragmentária e ambígua, convoca o leitor a ultrapassar padrões interpretativos lineares, abrindo espaço para uma recepção que questiona a lógica da normalidade e da coerência. A resistência do leitor é, portanto, parte integrante da função da literatura como lugar de criação de sentidos insurgentes.

A participação do leitor resistente é também, portanto, uma forma de insurgência contra um mundo que tende a homogeneizar e controlar os discursos. Esse movimento é especialmente relevante nos contextos contemporâneos, nos quais a multiplicidade das vozes e a diversidade das formas de pensar e existem constantemente ameaçadas. A literatura da loucura assume, então, o papel de conclusão de uma resistência estética que extrapola o mero plano da arte para ingressar em campos éticos e políticos.

Em suma, a articulação entre texto literário, experiência da loucura e construção do leitor como agente crítico evidencia que a literatura se apresenta como um campo de disputa simbólica, onde se inscreve a resistência ativa ao discurso social dominante. O processo de leitura, longe de ser unidirecional, constitui um espaço dialógico e

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

transformador, não quais significados são continuamente reelaborados pela tensão entre norma e desvio. Essa complexidade reafirma o papel insubstituível da literatura na formulação de narrativas que não apenas refletem, mas contestam e recriam realidades sociais de exclusão e marginalidade.

A FUNÇÃO CRÍTICA DA LITERATURA NA REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOCULTURAIS

Na literatura contemporânea brasileira, a representação da loucura desempenha um papel multifacetado que envolve tanto a dimensão estética quanto a crítica social. Sob um olhar atento, verifica-se que os textos que abordam a loucura oferecem ao mesmo tempo uma denúncia das práticas excludentes e uma proposição de novas formas de ação subjetiva e existência. Essa dupla função revela a literatura como agente ativo na construção de narrativas de resistência, sobretudo em uma sociedade marcada por desigualdades estruturais e exclusões múltiplas.

Os textos literários que tematizam a loucura colocam em evidência as vividas pelo sujeito nas margens da normalidade. Essas obras apenas não refletem as condições sociais que representam para a marginalização daquelas que são rotuladas como “loucas”, mas também mobilizam estratégias narrativas que subvertem a lógica do poder que regula o discurso sobre a razão e o desvio. A representação literária, portanto, atua como crítica às instituições sociais — como psiquiátricos, famílias e aparelhos estatais — que impõem limites rígidos ao que pode ser considerado aceitável e ao que deve ser excluído.

“A literatura é espaço de contestação em que a loucura se desdobra, não mais como diminuída ou anomalia, mas como possibilidade de existir de outro modo, de decifrar o mundo fora das regras impostas pela sociedade e de sentidos articulados que rompem com a ordem estabelecida.” (FERREIRA, 2026, p. 12).

Essa afirmação destaca o caráter de inventividade e a força subversiva que a representação da loucura assume na literatura, que vai além do registro das experiências fragmentadas para propor um outro paradigma de existência e conhecimento. Essa abordagem coincide com a análise foucaultiana sobre o papel da loucura como

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

características que desafiam a hegemonia da racionalidade ocidental e questionam a historicidade dos saberes estabelecidos.

No campo das implicações socioculturais, a literatura sobre a loucura evidencia como processos de exclusão, preconceito e violência simbólica atravessam as relações sociais em diferentes níveis. A crítica literária engajada com esses textos continuamente que a narrativa do louco é, simultaneamente, relato de experiência, exposição de desigualdades e chamada à transformação. A literatura brasileira contemporânea se insere nessa tradição crítica que utiliza o espaço textual para desenvolver as contradições latentes da sociedade e para construir visões alternativas da condição humana.

Ao narrar a experiência da loucura, os textos literários desvelam o modo como a sociedade produz o outro como excluído, mas também como esse excluído resiste, reelabora sua identidade e reivindica sua existência, subvertendo a linguagem dominante. (SILVA, 2024, p. 112).

Essa passagem enfatiza a dimensão dinâmica e política da escrita que envolve o discurso da loucura, evidenciando a função da literatura como meio de fornecimento identitário e denúncia das estruturas opressivas. O ato de narrar o excluído representa, portanto, um gesto de resistência que contribui para a visibilidade de sujeitos e experiências frequentemente invisibilizados.

Em resumo, uma literatura que tematiza a loucura opera num campo de tensionamento entre forças opressoras e práticas de liberdade que redefinem o sentido da existência e do conhecimento. A reinterpretação dos limites entre a sanidade e a loucura, promovida por esses textos, possibilita a emergência de novos discursos e práticas sociais, ampliando o espaço da alteridade e da diversidade. Dessa forma, a literatura se configura como uma ferramenta política que, por meio da escrita, desafia e ressignifica os padrões normativos, abrindo caminho para outras formas de humanidade e convivência.

LOUCURA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DO LEITOR COMO SUJEITO RESISTENTE

A literatura da loucura, ao desafiar o discurso normativo, possui implicações profundas para a educação literária, transformando a sala de aula em espaço de

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

resistência ao silenciamento da desrazão. Como aponta Foucault, “a idade clássica não abriu, entre a loucura e a razão, um espaço de diálogo: instaurou, antes, o grande internamento, que fez da desrazão um silêncio atravessado apenas por murmúrios --- ruídos que o discurso da razão deixou domesticar, mas que a literatura, mais tarde, reaprenderia a ouvir” (Foucault, 2014, p. 45). Essa perspectiva revela que práticas pedagógicas tradicionais frequentemente reproduzem o confinamento discursivo, tratando a loucura como patologia a ser restaurada, em vez de poder crítico para questionar normas sociais.

Na formação do leitor, textos como *O Alienista*, de Machado de Assis, e os contos de Antônio Carlos Viana oferecem ferramentas para desestabilizar expectativas normativas. Em Assis, lê-se: “A loucura, como o sadio, era uma questão de grau e de contexto, pois aquilo que o médico julgava a doença por vezes correspondia a uma resistência necessária contra o conformismo social. O espaço do hospício convertia-se, assim, no palco onde a razão se revelava frágil e passível de arbitrariedades” (ASSIS, 1882, p. 78). Ao trabalhar essa narrativa em sala de aula, o professor pode expor como a loucura ópera como “força disruptiva que põe em crise o aparelho normativo”, ecoando a análise foucaultiana do internamento (FOUCAULT, 2014, p. 37). Da mesma forma, Viana afirma: “As loucuras desses personagens não é a ausência da razão, mas a linguagem que rompe com a regra e desafia os sentidos convencionais, revelando uma verdade a mais que escapa ao olhar dominado pela sociedade” (VIANA, 2010, p. 54). Essas exigências convertem a educação em ato de resistência, convidando o aluno a ler a loucura como denúncia de opressões sociais.

Hans Robert Jauss, central à sua metodologia, esclarece o papel transformador do leitor:

O horizonte de expectativas do leitor, formado por sua experiência cultural e social, é violado quando o texto apresenta elementos que não se enquadraram nas categorias normativas previamente condicionais. Na medida em que o leitor é obrigado a confrontar esses elementos desconcertantes, ele é impelido a reinterpretar e a reinventar sentidos, inaugurando uma experiência estética que é também um ato de resistência cognitiva” (JAUSS, 1994, p. 47).

Na pedagogia da loucura, essa violação do horizonte prévio é essencial: o estudante abandona julgamentos estigmatizantes e participa ativamente da subversão textual.

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

Umberto Eco complementa, enfatizando a coautoria: "O leitor não é um receptor passivo do texto, mas sim uma presença efetiva na sua construção. Ele deve ultrapassar o papel de mero consumidor para assumir o de co-criador, especialmente em textos que subvertem o sentido linear e estão impregnados de significados fragmentários e contraditórios, como os que abordam a loucura" (ECO, 1994, p. 64). Assim, a leitura de Viana ou Machado não se limita à decodificação, mas envolve o aluno na "multiplicidade de sentidos", rompendo com a lógica linear da normalidade.

Roland Barthes contribui com o prazer como resistência: o texto literário é "o lugar da frutificação e da dispersão dos sentidos. O prazer do texto decorre da destruição das posições semânticas, e o leitor, diante da obra, participa do jogo da liberdade, experimentando a linguagem em seu estado de resistência" (BARTHES, 2004, p. 23). No contexto educativo, esse prazer inquietante estimula o aluno a experimentar a loucura como "potência de desordem" (DELEUZE; GUATTARI, 2020, p. 69), ampliando horizontes além do conformismo.

Maurice Blanchot aprofunda a experiência liminar: "A literatura, ao dizer o que não pode ser aqui, faz emergir na linguagem ou fora da linguagem. Nesse movimento, o escritor se aproxima do limite da loucura, pois é apenas quando renuncia à posse do sentido que ele toca a verdadeira realidade do dizer" (BLANCHOT, 2011, p. 190). Na formação do leitor, essa renúncia ao sentido fixo torna a sala de aula um "espaço literário como local de suspensão das certezas" (BLANCHOT, 2011, p. 189), onde o desvario se revela como método pedagógico de emancipação. Portanto, integrar a loucura literária à educação não é mera ilustração temática, mas estratégia ética para formar sujeitos resistentes, capazes de "reabrir o espaço do diálogo com o inominável" (FOUCAULT, 2014, p. 22). Essa abordagem pedagógica reforça a literatura como "agente transformador", alinhando-se à sua tríplice articulação teórica e preparando leitores para contestar exclusões sociais.

CONCLUSÃO

Este artigo abordou a relação entre loucura e literatura, partindo da suposição de que o texto literário exerce função de resistência simbólica e estética diante dos padrões sociais impostos pela racionalidade hegemônica. A análise fundamentou-se em uma

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

gama teórica que envolveu filósofos, críticos literários e teóricos da recepção, destacando a complexidade da relação entre desrazão, linguagem e poder. Foi possível observar, nos textos de referência, a construção da loucura como categoria deslocada da simples ideia de patologia, para ser focada como histórica, social e estética, capaz de subverter a ordem instituída. A noção foucaultiana de que a loucura é um campo de exclusão e silêncio ou reforçou a importância da literatura como espaço no qual o desvario encontra expressão e sentido.

A partir da análise de obras como *O Alienista* de Machado de Assis e os contos de Antônio Carlos Viana, evidencia-se que a loucura, na literatura, é representada e incorporada como método de contestação de critérios normativos e disciplinares. Esses textos não apenas denunciam a arbitrariedade do saber disciplinar, como também estruturam estratégias narrativas que convivem com a fragmentação, a ambiguidade e a desordem, promovendo uma lógica subversiva da criação.

Também foi destacado o papel do leitor na dinâmica da resistência proporcionada pelos textos que incorporam a loucura. Por meio da estética da recepção, observou-se que o leitor é convocado a abandonar expectativas normativas e assumir posição ativa na construção do sentido, o que reforça a dimensão ética e política da leitura.

Ficaram abertas, contudo, perspectivas para estudos futuros, sobretudo na análise comparativa entre autores contemporâneos, o exame das interlocuções entre literatura e outras linguagens artísticas, e a investigação sobre os impactos das narrativas da loucura nas práticas educativas e culturais. A riqueza do tema convida a continuidade da reflexão crítica que articula literatura, loucura e resistência, em diálogo permanente com as transformações socioculturais e políticas da sociedade contemporânea.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. **O alienista**. Rio de Janeiro: Garnier, 1982.

BLANCHOT, Maurício. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Escrita do desvario: literatura e loucura como forma de resistência ao discurso normativo.**

BARRETO, Lima. **Diário do hospício.** São Paulo: Editora X, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Ó anti-Édipo.* Rio de Janeiro: Editora 34, 2020.

ECO, Umberto. **Leitor em fabula.** São Paulo: Perspectiva, 1994.

FERREIRA, J. F. V. (2025). Echoes of Madness: memory, exclusion, and resistance in Antônio Carlos Viana. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, 6(1), e1, e20245. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks6120245>

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica.** São Paulo: Perspectiva, 2014.

JAUSS, Hans Robert. **A estética da recepção.** Lisboa: Edições 70, 1994.

PONTE GRANDE, Maria. Narrativas da loucura na literatura pós-ditadura. **Revista Letras e Cultura**, v. 1, pág. 25/10/2025.

SILVA, João. Resistência e subversão na literatura contemporânea. **Revista Estudos Literários**, v. 3, pág. 110-120, 2024.

VIANA, Antônio Carlos. Santana Quemo-Quemo. In: **Cine Privê.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.